

A (SUB)REPRESENTAÇÃO FEMININA NO LIVRO DIDÁTICO #CONTATO HISTÓRIA¹

Paulo Roberto Krüger²
Elloisy Pedrosa dos Santos³
Debora Queren Santos de Godoi⁴

Resumo: O presente artigo estabeleceu uma discussão em torno da presença feminina no livro didático (LD) #Contato História, obra utilizada como suporte didático nos cursos de Ensino Médio Integrado do IFPR – Campus Ivaiporã. A partir dos conceitos de representação e gênero, e análise indiciária, buscou-se identificar quantitativa e qualitativamente a representação feminina de forma imagética no LD. Os dados mostraram que a representação entre imagens masculinas e femininas é desigual e pioram quando a interseccionalidade étnica é observada, ou seja, as representações masculina e branca são mais frequentes. Tal aspecto é importante de ser analisado pois os LDs impactam alunas(os) e contribuem para a normatização de uma visão de mundo.

Palavras-Chave: Gênero; Interseccionalidade; PNLD; Imagens; História do Brasil.

Abstract: This article established a discussion around the female presence in the textbook #Contato História. It was used as didactic support in the integrated high school courses of the IFPR – Campus Ivaiporã. Based on the concepts of representation and gender and evidence analysis, it was identified quantitatively and qualitatively the female representation in an imagery way in the textbook. The data showed that the representation between male and female images is uneven and worsens when ethnic intersectionality is observed, that is, male and white representations are more frequent. This aspect is important to be analyzed because textbooks impact students and contribute to the standardization of a worldview.

Keywords: Gender; Intersectionality; PNLD; Images; History of Brazil.

¹ Esta pesquisa contou com o financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC JR. IFPR/CNPQ, por meio do Edital n.º 03/2020 – DIPRE/PROEPPi do IFPR.

² Possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade Paranaense (UNIPAR), Campus Cascavel (2010) e mestrado em História, Poder e Práticas Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2015). É docente do Instituto Federal do Paraná (IFPR - Campus de Ivaiporã). Atua, principalmente, na área de História do Brasil, tendo interesse nas temáticas de corrupção e investigando a CGI (Comissão Geral de Investigações). Atualmente encontra-se pesquisando a CGI e SCGI/PR no estado do Paraná como temática de pesquisa de doutoramento no PPH da UEM.

³ Aluna do Instituto Federal do Paraná (IFPR - Campus de Ivaiporã)

⁴ Graduada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). Formada no curso técnico em Informática integrado ao Ensino Médio pelo Instituto Federal do Paraná (IFPR) - Câmpus Ivaiporã. Atualmente é graduanda no curso de Jornalismo pela Unicentro e pós-graduanda em Copywriting e Escrita criativa pelo Centro Universitário Internacional (Uninter). Foi voluntária e bolsista CNPq de Iniciação Científica Júnior durante o Ensino Médio e, desde então, tem interesse pela pesquisa acadêmica. de vídeos.

Introdução

Os Livros Didáticos (LDs) são ferramentas presentes no cotidiano da educação brasileira, atuando como instrumento para a mediação do conhecimento entre professoras(es) e alunas(os). Este instrumento passou por diversas transformações influenciadas pelo tempo e pelos diferentes acontecimentos históricos no Brasil, dentre os quais ressalta-se que, a partir da década de 1980, personagens históricas(os) até então silenciadas(os) – como mulheres e negros – começaram a ser apresentadas(os) nos LDs de História e, no século XXI, o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) passou a cobrar das editoras participantes do seu processo seletivo, a inserção dos estudos das culturas indígenas e africanas (MAC GINITY, 2015, p. 920-921).

Também no século XXI, o avanço tecnológico possibilitou a intersecção dos LDs com recursos digitais. Porém, mesmo diante à iminência da tecnologia, os LDs, muitas vezes, podem ser os únicos recursos pedagógicos disponíveis para professoras(es) e alunas(os) em sala de aula e fora dela. Tal situação tornou-se ainda mais evidente durante a pandemia de COVID-19 (SACAVINO; CANDAU, 2020, p. 123). No período pandêmico, em um país tão desigual quanto o Brasil, o uso da internet e tecnologias para conduzir as atividades escolares foi de grande necessidade, porém, estavam distribuídos de forma desigual.

Diante à desigualdade de distribuição tecnológica e de acesso à internet, dentre outros aspectos, pode-se considerar os LDs como importantes ferramentas educacionais no Brasil. Eles são distribuídos pelo PNLD para todas as escolas públicas e de forma gratuita, garantindo a democratização, mesmo que básica, do acesso ao conhecimento e à leitura. A criação do PNLD passou a estimular autoras(es) e editoras a qualificar e inserir abordagens sobre combate à homofobia, estudos culturais dos povos indígenas e afrodescendentes, História da África, a imagem da mulher etc. (BRASIL, 2018, p. 10). Assim, estabeleceu-se uma concorrência entre as editoras e um processo de avaliação. Para o LD ser aprovado, adquirido pelo Ministério da Educação (MEC) e distribuído às escolas, ele deve atender aos requisitos do PNLD e passar por uma banca avaliadora, após esse processo, o LD passa pela avaliação e escolha das(os) docentes das escolas (MAC GINITY, 2015).

O PNLD disponibiliza, a cada edição, um guia de livros didáticos, elaborado por profissionais de todas as regiões do Brasil e destinado às professoras(es) da rede pública brasileira, com objetivo de auxiliá-la(os) na escolha das coleções que serão adquiridas. O *Guia de Livros Didáticos de História* do PNLD de 2018 afirma que houve, nas últimas edições, a ampliação do espaço concedido à imagem feminina e a outras problemáticas, de forma a promover a inclusão dessas minorias. Porém, o guia alerta para as poucas informações acerca das características e condições de vida dos jovens estudantes e propõe a exploração de temas como fobias de ordem racial, sexual, gênero e aborto, entre outras, para as edições seguintes (BRASIL, 2018).

A Coleção *#Contato História*, aqui tomada como fonte de pesquisa, foi uma das avaliadas e aprovadas pelo PNLD de 2018, sendo que esta coleção vinha sendo utilizada no *Campus Ivaiporã* do Instituto Federal do Paraná desde, ao menos, o ciclo anterior do PNLD. Os livros são de autoria de Marco Pellegrini, Adriana Machado Dias e Keila Grinberg e foram elaborados pela Editora Quinteto, para atender ao edital de chamada para inscrições de livros didáticos 004/2015 (PNLD, 2015), correspondendo ao triênio de 2018, 2019 e 2020. A resenha do guia de livros didáticos afirma que a coleção apresenta diversidade de fontes históricas e evidencia o trabalho com imagens, além de dar destaque à figura da mulher e valorizá-la como sujeito histórico. Também há o compromisso com a agenda de não violência contra às mulheres, o combate às percepções preconceituosas, a compreensão da atuação feminina em diferentes contextos e o reforço do seu protagonismo social (BRASIL, 2018, p. 71-75).

É necessário ressaltar que neste estudo o LD não foi encarado como um sujeito “isento” no processo de ensino-aprendizagem, visto que ele é um mecanismo de difusão de saberes produzido dentro da lógica de políticas educacionais. Cabe ressaltar que, nas últimas décadas os LDs foram elaborados de acordo com os editais trienais do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), gerido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica (FNDE), o que faz do PNLD uma ação de governo.

A pesquisadora, Júlia Silveira Matos ainda considera que os LDs, em especial os de História, como produtos de idealização do produtor e de seu consumidor, sendo que os conteúdos de História estão ligados aos interesses e interlocutores do presente muito mais do que com o conhecimento do passado. O LD é, portanto, um produto de consumo

e veiculador de ideologias, ou seja, o LD de História deve ser encarado como um produto comercial dentro de políticas públicas educacionais. Assim, além de um recurso didático, também precisam ser vislumbrados como instrumentos de controle e normatização (SILVEIRA, 2012, p. 168-170). Desse modo, o LD de História precisa ser operacionalizado com cuidado em sala de aula, pois seus conteúdos, imagens, exercícios etc., podem privilegiar fatos, grupos sociais, comportamentos, culturas etc.

O *#Contato História* traz a apresentação de sua estrutura, na qual aponta a valorização das imagens, possuindo, inclusive, uma seção nos capítulos chamada de "Explorando a imagem" para ampliar o entendimento das figuras (PELLEGRINI, DIAS e GRINBERG, 2016a, p. 3). Os livros também ressaltam pontos importantes a serem explorados, como o "Sujeito na História" e uma relação mais direta entre acontecimentos passados e a realidade presente.

Portanto, buscou-se analisar como as mulheres são representadas, nas unidades de História do Brasil, no Livro Didático *#Contato História* por meio das imagens (fotografias, gráficos, pinturas, desenhos) dispostas nele. Essa análise é apresentada diante a importância que a história vem dando para estudos de imagem e ampliação do sentido de fonte histórica (BURKE, 2004), além dos estudos de Gênero, que ganharam força a partir da década de 1960 por conta dos movimentos feministas (LOURO, 1997).

1. Referencial Teórico e Metodológico

Neste estudo, optou-se por analisar as imagens presentes nos três volumes da coleção de livros didáticos *#Contato História*, tomando como recorte temático os capítulos sobre a História do Brasil, e aqueles que tratam não exclusivamente sobre Brasil, mas o abordam, como o capítulo 6º do volume 3 – “A Segunda Guerra Mundial”. A discussão de gênero e representação figuram como o aporte teórico e o método indiciário como aporte metodológico.

Nas últimas décadas as imagens passaram a estar mais presentes no entorno das sociedades, estão nos jornais, nas televisões, nas redes sociais etc., e é claro, nos livros didáticos, vistos como os únicos recursos pedagógicos em algumas localidades devido a estrutura desigual da sociedade brasileira. São variadas as formas de representações que

estão disponíveis nos LDs de História, mas aqui os esforços serão direcionados à representação feminina nos capítulos que abordam a História do Brasil no LD *#Contato História*. Partiu-se, portanto, do conceito de representação de Roger Chartier, que considera que as

[...] representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem o utiliza. As percepções do social não são, de forma alguma, discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p. 17)

Ao discorrer sobre os antigos sentidos atestados à palavra “representação”, Chartier identifica dois tipos de significados aparentemente opostos: o primeiro remete à ausência, supondo uma distinção entre o representante e o que é representado; o segundo aponta para a exibição pública de algo, aludindo a uma presença, em vez de ausência. Nesta pesquisa, o sentido adotado foi o relacionado à ausência, descrito por Chartier como: “[...] o instrumento de um conhecimento mediato que revela um objeto ausente, substituindo-o por uma ‘imagem’ capaz de trazê-lo à memória e ‘pintá-lo’ tal como ele é” (CHARTIER, 2002, p. 74).

Portanto, carregada de razões, códigos, finalidades e destinatários particulares, a representação é capaz de fazer entender as situações ou práticas que são seu objeto, se esses elementos forem bem identificados (CHARTIER, 2011, p. 16). Além disso, Chartier defende que o conceito de representação ajuda a articular as diversas relações que os indivíduos ou os grupos mantêm com o mundo social (CHARTIER, 2011, p. 20). Nesse sentido, a pesquisadora Eliane Mac Ginity (2015, p.915) já questionava como as “representações imagéticas das mulheres nos livros didáticos de história do ensino médio”, dispostos no PNLD 2015, influenciam na composição de identidades que dão origem a determinadas visões de mundo, estimuladas pelos interesses de grupos culturais, socioeconômicos e políticos. Dessa forma, a autora mostrava a importância da representação da figura feminina nos materiais educacionais para a construção do ser na sociedade.

Soma-se ao arcabouço teórico desta pesquisa o conceito de gênero, a partir da perspectiva da historiadora Joan Scott, que promoveu questionamentos sobre as formas como o gênero funciona nas relações sociais humanas e como ele dá sentido ao conhecimento histórico. Ela ainda afirma que o gênero precisa ser discutido como uma categoria de análise, assim como classe e etnia (SCOTT, 1995, p.74)

Scott (1995) tem seu interesse voltado para a história das mulheres a partir de uma perspectiva de gênero. Utilizando o conceito foucaultiano de poder e sendo influenciada pelos trabalhos de historiadores como Jacques Derrida e Edward Thompson, as pesquisas da estadunidense foram extremamente relevantes para a contestação das práticas historiográficas que se referem ao papel das minorias. Em seus trabalhos, Scott defende que gênero trata dos papéis sociais referentes a cada um dos sexos, enquanto o sexo propriamente estaria voltado para a área biológica.

Scott propõe o uso do gênero como uma categoria de análise histórica, reforçando com a observação de que as feministas, nas últimas décadas, passaram a utilizar a palavra “gênero” como uma forma de se referir à organização social da relação entre os sexos, enfatizando o caráter social das distinções baseadas no sexo e indicando uma rejeição do determinismo biológico implícito nos termos como “sexo” ou “diferença sexual” (SCOTT, 1995, p. 72).

Também, é evidente que Scott considera a intrínsecidade das relações de poder, que em nenhum momento são tratadas de forma paralela ao gênero. Ao contrário disso, ela afirma: “[...] o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (SCOTT, 1995, p.88).

Junto ao estabelecimento dos referenciais teóricos da pesquisa, foi necessário definir sua estratégia metodológica de abordagem. Desse modo, para alcançar os objetivos desta pesquisa, ela foi dividida em cinco etapas: o levantamento bibliográfico, que envolveu a definição do aparato teórico, leitura do PNLD 2018 e de trabalhos com perspectivas similares; a análise da organização da nossa fonte de pesquisa, o Livro Didático “# Contato História” (volumes 1, 2 e 3); o levantamento quantitativo de imagens femininas nos capítulos de História do Brasil oriundos da fonte de pesquisa; a elaboração

de tabela e categorização de análise das imagens; e o processo de cotejamento das fontes com o referencial teórico e metodológico.

A pesquisa foi auxiliada metodologicamente pelo paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (2009; 2011), sendo que este paradigma foi construído a partir das noções de sintomas. Por meio de indícios, signos e olhar microscópico é possível decifrar elementos das fontes que possam passar despercebidos para a(o) espectadora(or) menos atento, ou, como afirma Ginzburg (2009, p. 177), “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”.

Assim, a fonte pôde ser analisada de maneira minuciosa, sendo observados critérios de categorização das imagens das(os) representadas(os) quanto a:

- Gênero predominante: masculino, feminino ou outro (quando informado ou possível de ser identificado nas imagens). Diante a impossibilidade de identificação quantitativa de determinado gênero na imagem, a esta foi atribuída a categoria “não quantificado”. Do contrário, a imagem foi considerada pertencente ao gênero em que houve a predominância (maioria numérica). Quando a imagem representava apenas uma paisagem ou objeto, a imagem foi quantificada na categoria “Paisagem, objeto etc.”;
- Etnia: afrodescendente, indígena, branca, outras (referindo-se a outros grupos étnicos) ou múltiplas (com a presença de duas ou mais etnias);
- Representação do gênero feminino e masculino na imagem: protagonista (àquela/e que desempenha papel principal na imagem ou em relação ao corpo do texto), coadjuvante (àquela/e que desempenha papel secundário na imagem ou meramente ilustrativa em relação ao corpo do texto), não houve representação de gênero (inanimados, paisagens e ou representação humana sem gênero aparente).

Além disso, a análise das relações entre o corpo textual, a descrição e posição das imagens, e suas referências serviram para alcançar as considerações feitas nesta pesquisa. Tal procedimento garantiu um mapeamento e sistematização das fontes de pesquisa, detalhados na apresentação dos resultados desta pesquisa.

2. Resultado da Pesquisa

A partir do levantamento quantitativo das imagens dispostas nos capítulos que tratam de História do Brasil no LD *#Contato História* – Volumes 1, 2 e 3 –, bem como leitura dos capítulos, para identificar as relações do corpo textual com o imagético, as imagens foram tabuladas em três quadros (Quadro 1, Quadro 2 e Quadro 3), a partir das categorias definidas no referencial teórico e metodológico deste artigo.

Quadro 1 - Predominância de Gênero em imagens dos capítulos com temáticas de História do Brasil nos Livros Didáticos - *#Contato História*.

VOLUME/ CAPÍTULO	PAISAGEM, OBJETO ETC.	GÊNERO PREDOMINANTE			
		MASCULINO	FEMININO	OUTRO	NÃO QUANTIFICADO
V1/C11	9	4	2	0	1
V2/C5	8	14	4	0	3
V2/C6	11	18	3	0	4
V2/C11	6	7	0	0	5
V2/C12	12	14	3	0	4
V3/C2	10	20	3	0	7
V3/C5	0	16	3	0	2
V3/C6	2	7	1	0	1
V3/C9	2	19	2	0	4
V3/10	4	21	3	0	7
V3/C12	11	10	5	0	9
TOTAIS	75	150	29	0	47

Fonte: das autoras.

Quadro 2 - Composição étnica em imagens dos capítulos com temáticas de História do Brasil nos Livros Didáticos - #Contato História.

VOLUME/ CAPÍTULO	ETNIA				
	AFRODESCENDENTE	INDÍGENA	BRANCA	OUTRAS	MÚTIPLAS
V1/C11	0	7	0	0	0
V2/C5	5	3	4	1	8
V2/C6	6	0	7	2	10
V2/C11	1	6	5	0	6
V2/C12	3	0	13	3	2
V3/C2	2	0	13	4	11
V3/C5	2	0	13	0	6
V3/C6	0	0	5	2	2
V3/C9	0	0	10	6	9
V3/10	0	0	15	8	8
V3/C12	0	2	4	9	9
TOTAIS	19	18	89	35	71

Fonte: das autoras.

Quadro 3 - Tipos de representação em imagens dos capítulos com temáticas de História do Brasil nos Livros Didáticos - #Contato História.

VOLUME/ CAPÍTULO	REPRESENTAÇÃO FEMININA		REPRESENTAÇÃO MASCULINA		NÃO HOUVE REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO
	PROTA- GONISTA	COADJU- VANTE	PROTA- GONISTA	COADJU- VANTE	
V1/C11	3	1	5	0	0
V2/C5	6	6	10	8	7
V2/C6	7	3	19	6	9
V2/C11	1	4	11	1	6
V2/C12	5	2	17	3	12
V3/C2	8	7	18	11	7
V3/C5	3	7	14	4	0
V3/C6	1	2	5	3	1
V3/C9	4	4	17	6	2
V3/10	10	7	23	6	1
V3/C12	14	4	16	2	10
TOTAIS	62	47	155	50	55

Fonte: das autoras.

A partir da observação deste material, fica evidente a discrepância entre a quantidade de imagens com gênero predominante masculino em relação ao feminino – a

predominância masculina é cinco vezes maior –, o que aponta para a desigualdade dentro das representações no recorte analisado. Na categoria representação feminina do quadro 3, verifica-se que a quantidade de imagens categorizadas como coadjuvantes é equivalente a 76% das imagens tidas por protagonistas. Enquanto isso, na representação masculina, observa-se que as imagens categorizadas como coadjuvante representam cerca de 32% das imagens consideradas protagonista.

Ao comparar o volume de imagens femininas e masculinas categorizadas como protagonistas (Quadro 3), verifica-se que as representações femininas representam 40% em relação às masculinas. Desse modo, é possível apontar a existência de uma desigualdade representativa entre as imagens masculinas e femininas quanto a postura de protagonistas nas representações no LD. Isto é ainda mais sintomático se verificarmos as representações predominantes de gênero (Quadro 1): 150 imagens masculinas e 29 imagens femininas, ou seja, a presença masculina como gênero predominante nos capítulos com temática de história do Brasil é 517,24% maior.

Para Chartier, a representação tem poder de fazer algo ser conhecido, de trazer à mente do público, ou, nesse caso, leitoras(es) dos livros, a presença de uma coisa ou uma pessoa. As representações tentam convencer que o mundo, a sociedade e o passado são o que elas dizem ser (CHARTIER, 2011). Portanto, o contraste entre representações femininas e masculinas pode evidenciar o poder de um determinado grupo generificado, sugerindo a(ao) leitora(or), que as mulheres, nas sociedades passadas, ocupavam lugares inferiores e de menor importância para a construção da História.

Ainda é significativo citar o tema sobre etnia, que aponta para a desigualdade aguda no número de representações dos grupos étnicos, no qual a etnia branca é a mais representada. O Quadro 2 sintetiza os dados totais em relação à categoria de etnia e abaixo encontra-se o Quadro 4, que demonstra quantitativamente a categoria de etnia relacionada a quantificação de representação feminina protagonista:

Quadro 4 - Composição étnica de representações femininas protagonista em imagens dos capítulos com temáticas de História do Brasil nos Livros Didáticos - #Contato História.

VOLUME/ CAPÍTULO	ETNIA NA REPRESENTAÇÃO FEMININA PROTAGONISTA				
	AFRODESCENDENTE	INDÍGENA	BRANCA	OUTRAS	MÚLTIPLAS
V1/C11	0	3	0	0	0
V2/C5	3	2	1	0	0
V2/C6	4	0	0	0	3
V2/C11	0	0	0	0	1
V2/C12	1	0	3	0	1
V3/C2	1	0	4	1	2
V3/C5	0	0	3	0	0
V3/C6	0	0	1	0	0
V3/C9	0	0	3	1	0
V3/10	1	0	7	1	1
V3/C12	0	1	2	5	6
TOTAIS	10	6	24	8	14

Fonte: das autoras.

O Quadro 4 auxilia na constatação da baixa quantidade de representações femininas afrodescendentes e indígenas. Assim, para além da desigualdade de gênero, há a desigualdade étnica, não restringindo à mulher um papel de sub-representação apenas no ambiente onde a figura masculina possui destaque, mas também, dentro da perspectiva de interseccionalidade, em que a representação feminina branca é maior que a indígena e a afrodescendente. Kimberlé Crenshaw considera fundamental que seja dada a atenção para as relações entre o gênero e as várias identidades com as quais ele se intersecta, já que essas intersecções contribuem para o estado de vulnerabilidades particulares para os diferentes grupos de mulheres (CRENSHAW, 2002, p. 174).

Por essa razão pode-se identificar que há, além da desigualdade entre gêneros, uma desigualdade intra gêneros, pois quando se leva em consideração outras identidades no interior do gênero feminino é visível o impacto das diferenças étnicas e, possivelmente, outras.

Para ilustrar o exposto até aqui, serão apresentadas abaixo, algumas imagens que foram selecionadas do LD *#Contato História* ao longo da pesquisa realizada.

A Imagem 1, representando uma mãe da etnia Sateré-mauré pintando sua filha, disposta no capítulo “Os povos da América” no volume 1 do LD analisado, acompanha

um texto que trata da pintura corporal na cultura indígena como uma manifestação cultural e que é colocada como uma responsabilidade feminina em algumas etnias. Esta é uma das poucas imagens que abordam representações de povos indígenas brasileiros, o grupo étnico mais sub-representação nos capítulos que tratam de História do Brasil no LD *#Contato História*, seguido por afrodescendentes, dentre os grupos estabelecidos para a pesquisa. O Quadro 4 também reafirma este ponto ao considerar o protagonismo feminino a partir de sua etnicidade.



Imagem 1: Pintura Indígena (PELEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2016a, p. 266).

A imagem 2, também presente no capítulo “Os povos da América”, continua tratando da questão sobre a pintura corporal. A imagem apresenta uma menina da etnia Kayapó que brinca com uma boneca branca – ambas pintadas corporalmente. Nota-se em paralelo o reforço de um ideal de cuidados maternos introduzido às crianças do sexo feminino desde a infância, bem como uma diferença étnica entre a menina e sua boneca, sendo que neste caso a branquitude é uma presença dada por meio do próprio brinquedo. Ressalta-se ainda, a ausência no LD de uma crítica e/ou comentário sobre este aspecto em relação a boneca branca, focando, a partir do texto de suporte, apenas na questão da pintura corporal.



Imagem 2: Menina Kayapó com boneca e pintura corporal (PELEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2016a, p. 266).

Já a pintura produzida em 1821 pelo pintor Henry Chamberlain, que está presente no volume 2, capítulo “A conquista e a colonização portuguesa na América” do LD analisado, conforme apresentada na Imagem 3, apresenta a imagem de uma barraca comercial no Rio de Janeiro, cuja proprietária era uma mulher brasileira de descendência africana. Ao analisar o texto que acompanha a ilustração, notou-se o relato da mudança de visão historiográfica sobre as mulheres a partir de 1980, quando a presença das mulheres passou a figurar nos LDs. As mulheres passaram a figurar como donas de negócios – espaços de vendas, engenhos, tabernas etc. –, chefes de família e adversárias do domínio masculino, divergindo do conceito de estarem sujeitas a uma submissão dentro da sociedade governada por homens, que existia até então.



Imagem 3: Barraca de comércio de propriedade de uma mulher brasileira de origem africana (PELEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2016b, p. 115).

Apesar da proposta do PNLD 2018 pela valorização da cultura afrodescendente, observa-se que no LD a representação protagonista de mulher negra e empoderada não é comum nos capítulos analisados, sendo que é mais frequente a sua aparição como coadjuvante, ou seja, em posição inferior e associada ao escravismo. Dessa forma, ainda é pertinente o estímulo do *Guia de Livros Didáticos de História* do PNLD 2018 às autoras(es) e editoras(es) a qualificarem a abordagem sobre combate à homofobia, as singularidades culturais dos povos indígenas e afrodescendentes, as identidades juvenis e as especificidades da aprendizagem histórica para o Ensino Médio. Portanto, deve-se ampliar o espaço para assuntos como: História da África; imagem da mulher; compreensão da historicidade, cidadania e problematização dos conhecimentos prévios do estudante (BRASIL, 2017, p.10).

A imagem 4, disposta no capítulo “A primeira república” do volume 3 do *#Contato História*, é uma representação da predominância feminina em relação a masculina que dá protagonismo às mulheres brancas, possivelmente de classe alta, em uma luxuosa loja de roupas. A imagem reforça a associação da riqueza com a cor da pele, neste caso branca, em um momento em que o escravismo e a segregação de espaços para grupos sociais diversos já deveria ter sido superada. O texto de suporte à imagem aponta para separação classista e a manutenção de espaços e áreas da cidade que eram frequentadas apenas por grupos específicos de indivíduos, havia um cosmopolitismo agressivo.



Imagem 4: Interior de loja luxuosa de roupas (PELEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2016c, p. 44).

A imagem, que reforçar a presença feminina branca no LD, foi problematizada, a partir do texto que a acompanha, no que tange o aspecto da diferença econômica e racial, já que um dos princípios que regiam as mudanças nas cidades brasileiras era "a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante" (SEVCENKO apud PELEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2016c, p. 44).

Também existem imagens que parecem ser apenas um recurso ilustrativo, como o caso da imagem 5, disponível no capítulo “A era Vargas” no volume 3. A imagem apresenta o ex-presidente Getúlio Vargas com um grande grupo de pessoas no Palácio do Catete em 1930, antes da tomada de posse da presidência da República. Não há menção ao grupo, a não ser a ênfase a Vargas, que acaba sendo o protagonista da imagem. Apesar

disso, nota-se a aparente presença de pessoas, que aparentam pertencer a classe alta e brancas, sendo que ao lado do ex-presidente estavam mulheres em número menor e em posição coadjuvante.



Imagem 5: Getúlio Vargas dias antes de assumir a presidência da República (PELEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2016c, p. 107).

Vale salientar que no momento desta foto, como outras já mencionadas, a condição feminina era muito diferente da atual e, com frequência, em posições coadjuvante e inferiorizadas na sociedade brasileira. Porém, como afirma Chartier, o conceito de representação também transformou a definição dos grupos sociais e, para isso, cita Pierre Bourdieu, que ressalta: “a representação que os indivíduos e os grupos exibem [...] faz parte integrante de sua realidade social. Uma classe é definida tanto por seu ser-percebido, quanto por seu ser, por seu consumo, quanto por sua posição nas relações de produção” (BOURDIEU apud. CHARTIER, 2011, p. 22). Assim, a ausência de qualquer menção sobre as mulheres na imagem 5 apenas reforça a condição de sua “realidade social”, ou seja, submissas ou mesmo “decorativas”.

Porém, em diversos momentos o LD apresenta e problematiza a presença feminina no curso da história. O capítulo “O Brasil contemporâneo”, presente no volume 3, pode ser utilizado como exemplo. Abaixo estão duas imagens (imagem 6 e imagem 7) que corroboram com esse ponto.



Imagem 6: Ensino de artesanato na aldeia Guarani Tenondé Porá (PELEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2016c, p. 277).



Imagem 7: Maria da Penha Maia Fernandes (PELEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2016c, p. 283).

A imagem 6 representa uma professora ensinando artesanato para alunas na escola da aldeia Guarani Tenondé Porã. A imagem também é acompanhada por um texto que trata da legislação escolar indígena estabelecida em 1990, que auxiliou na redução do analfabetismo nas comunidades e no processo de valorização de docentes indígenas e da própria cultura dos grupos. Já na imagem 7, na qual aparece Maria da Penha, uma referência na luta pelos direitos das mulheres por ter aberto um caminho importante no enfrentamento à violência doméstica depois de ter sido vítima desta mesma forma de violência.

O *Guia de História do PNLD 2018* também aponta o destaque dado à figura feminina, considerando que o LD *#Contato História* se propõe à uma formação cidadã, combatendo às percepções preconceituosas, além de buscar a compreensão da atuação feminina em diferentes contextos e épocas, bem como sua valorização como sujeito histórico, ressaltando seu protagonismo social. “A atuação feminina aparece em diferentes contextos e épocas, abrindo espaço para discutir com os estudantes a figura da

mulher como sujeito e sua importância na História”, além da valorização da História da África e das culturas afro-brasileiras e indígenas (BRASIL, 2018, p. 75).

Assim, as imagens 6 e 7 confirmam o exposto pelo guia. A mulher – professora – indígena tem destacado seu protagonismo na preservação da cultura de seu povo, e Maria da Penha aparece como um reforço da luta contra a violência que atinge mulheres em todo o país, bem como dos avanços legais em defesa das mulheres.

Cabe ressaltar que ao longo dos capítulos que tratam da História do Brasil do LD *#Contato História* houve a valorização das mulheres, mesmo tendo sua representação imagética em menor quantidade se comparada com a masculina. Quanto mais contemporânea a temática, maior foi a presença de imagens femininas protagonistas, um aspecto que tem relação com as próprias mudanças trazidas pelas lutas feministas ao longo da história, que propuseram maior centralidade no papel das mulheres nas sociedades como um todo.

A seguir ainda são apontadas algumas formas de valorização da figura feminina ao longo do volume 2 e 3⁵ do LD analisado. A imagem 8, uma pintura de Albert Eckhout do século XVII, representa uma mulher indígena em um território cercado por vegetação e carregando partes de um corpo humano. A imagem poderia gerar sensações e comentários não adequados se excluído o contexto histórico e cultural, sendo que este não é o caso aqui. A imagem está associada a uma atividade (“Oficina de história”) que estabelece uma problematização quanto ao ritual antropofágico de povos indígenas no território invadido pelos portugueses. Portanto, para além de uma mera ilustração, esta imagem propõem um debate reflexivo em torno da visão estigmatizadora do europeu e a situação, bem como aspectos culturais, dos povos que habitavam este território.

⁵ Os volumes 2 e 3 do *#Contato História*, devido a clássica divisão da disciplina no contexto educacional, são os espaços em que se reservam a aparição mais efetiva da temática de História do Brasil, ou seja, são nesses volumes que estão presentes a maioria dos capítulos utilizados aqui como fontes.



Imagem 8: Representação de mulher indígena no contexto da discussão sobre o ritual antropofágico (PELEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2016b, p. 119).

O LD apresenta a imagem da Rainha Jinga Mbande (Imagem 9) no mesmo capítulo que a imagem anterior – “A conquista e a colonização portuguesa na América” (volume 2) –, uma litografia de François Le Villain de 1830. A imagem em questão está acompanhada de um texto no quadro "O sujeito na história", que busca fazer uma breve sinopse sobre personalidades históricas, muitas das quais silenciadas, ocultadas ou ignoradas até então. Ressalta-se a valorização que o LD dá para Mbande, apontando para seu papel na resistência contra a dominação portuguesa de seu território no século XVII.



Imagem 9: Rainha Jinga Mbande (PELEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2016b, p. 108).

Dalva de Oliveira (Imagem 10) também figurou no espaço “O sujeito na história” no capítulo sobre “A Era Vargas” (volume 3 do LD). A fotografia feita na década de 1950 mostra a cantora que fez sucesso na rádio brasileira, recebendo em 1951 o título de Rainha do Rádio. Ela travou disputas musicais com seu ex-companheiro em que as canções tratavam de problemas no casamento. O sucesso de Dalva de Oliveira ultrapassou o Atlântico, sendo que ela foi convidada para cantar na festa de coroação da rainha Elizabeth II.



Imagem 10: Cantora Dalva de Oliveira (PELEGRINI; DIAS; GRINBERG, 2016c, p. 112).

Dessa forma, foi possível analisar até aqui que o livro didático *#Contato História* (VOL. 1, 2 e 3) apresenta uma expressiva diferença quantitativa entre imagens com predominância masculina e a feminina nos capítulos com a temática de História do Brasil, essa situação se mantém quando se verifica a situação protagonista versus coadjuvante, sendo ainda mais acentuada quando analisada a intersecção de gênero com outras identidades étnicas. Apesar disso, em várias ocasiões o LD dá destaque à representação feminina, explorando diversas problemáticas históricas e apresentando à/ao leitora(or) diversas figuras femininas que foram ignoradas e/ou silenciadas ao longo do tempo, o que é um ponto positivo em meio a sub-representação quantitativa da imagem feminina.

2. Considerações Finais

É evidente que um livro didático de História não conseguirá contemplar todas as problemáticas e nem agradar todos os grupos quanto a representação imagética, visto a

complexidade das sociedades humanas. Porém, mesmo conscientes disto e da paulatina ampliação da representação feminina, considera-se importante a atenção para esta temática, ainda mais diante a interseccionalidade. Soma-se a isso a representatividade de outros gêneros, que são ainda mais sub-representados.

Essa atenção é fundamental pois os LDs estão presentes no cotidiano das(os) alunas(os) brasileiras(os), fazendo parte direta da formação de crianças, adolescentes e adultos. O LD é um mecanismo de normatização do mundo e no Brasil um elemento que faz parte das políticas educacionais, gestadas por governos escolhidos pelo povo. Tornar visível grupos sociais distintos e silenciados ao longo da história é, portanto, uma questão política e que precisa ser encarada no que tange a elaboração de materiais didáticos. Para acentuar tal aspecto, pode-se recorrer novamente ao conceito de representação de Chartier que considera as representações em um campo de lutas que constroem um mundo social a partir da adesão e do rechaço (CHARTIER, 2011, p. 22). Desse modo, um mundo social mais inclusivo e igualitário também passa pela forma como as mulheres e outros sujeitos históricos são representados, ou não representados.

Os avanços na inclusão de representatividade de grupos que escapem da figura masculina e da etnicidade branca ainda caminham e não superaram a desigualdade étnica e de gênero. Porém, este artigo aponta para a importância de se continuar a cobrar por maior representatividade e que ganhos já são vislumbrados desde o final do século XX, quando a presença feminina passou a ser mais visível em LDs. Entretanto, ainda há muito o que se fazer, pois essa presença ainda é marcadamente menor que a masculina.

Assim, pode-se considerar que a mulher está representada no LD analisado neste artigo, porém, quando comparada a visibilidade masculina o prefixo “sub” pode ser acrescido, ou seja, há uma sub-representação feminina no LD.

FONTES:

PELLEGRINI, Marco César; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. # *Contato história*, 1º ano. 1ª ed. vol. 1 – São Paulo: Quinteto Editorial, 2016a. – (Coleção #Contato História).

PELLEGRINI, Marco César; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. # *Contato história*, 2º ano. 1ª ed. vol. 2 – São Paulo: Quinteto Editorial, 2016b. – (Coleção #Contato História).

PELLEGRINI, Marco César; DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila. # *Contato história*, 3º ano. 1ª ed. vol. 3 – São Paulo: Quinteto Editorial, 2016c. – (Coleção #Contato História).

BIBLIOGRAFIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. *PNLD 2018: história – guia de livros didáticos – Ensino Médio/ Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica – SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2017.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: História e Imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Lisboa: Bertrand/Difel, 1990.

_____. Defesa e ilustração da noção de representação. In: *Fronteiras*, Dourados, v. 12, n. 24, p. 15-29, jul/dez, 2011.

_____. O mundo como representação. In: CHARTIER, R. *À beira da falésia: a História entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, 1º semestre de 2002.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. (2ª edição, 3ª reimpressão) São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. (1ª reimpressão) São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Vozes, 1997.

MAC GINITY, Eliane Goulart. Imagens de mulheres nos livros didáticos de história. In: *Revista do Lhiste*, Porto Alegre, n. 3, v. 2, jul/dez 2015.

MATOS, Júlia Silveira. Os livros didáticos como produtos para o ensino de história: uma análise do Plano Nacional do Livro Didático – PNLD. In: *Historiae*, Rio Grande, v. 3, n.3, p. 165-184, 2012.

SACAVINO, Susana Beatriz; CANDAU, Vera Maria. Desigualdade, conectividade e direito à educação em tempos de pandemia. In: *RIDH*, Bauru, v. 8, n. 2, jul./dez., 2020, p. 121-132.



SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. *In: Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.20, n. 2, jul./dez. 1995, p 71-99.